



**Universidade:
presente!**

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Não é fácil ser Cabifrog! Observações comportamentais a respeito da interação entre anfíbios e crustáceos do gênero Elpidium (Crustacea, Ostracoda)
Autor	MARIA EDUARDA BERNARDINO CUNHA
Orientador	PATRICK COLOMBO

Não é fácil ser Cabifrog! Observações comportamentais a respeito da interação entre anfíbios e crustáceos do gênero *Elpidium* (Crustacea, Ostracoda)

Maria Eduarda Bernardino Cunha*^{1,2} & Patrick Colombo¹

¹Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*E-mail para correspondência: eduardabercunha@gmail.com

Forésia é um comensalismo interespecífico cuja finalidade é o transporte. O indivíduo forético ativamente procura e se fixa na superfície externa de outro animal, o hospedeiro. Crustáceos do gênero *Elpidium* são ostracodas bivalves aquáticos restritos ao fitotelmo de bromélias, e necessitam da forésia para colonização de novos habitat. São frequentemente encontrados aderidos à pele de anfíbios que visitam essas plantas, onde se fixam ao fecharem suas valvas. É possível observar uma porção de pele do anfíbio entre elas, indicando ser um forte método de fixação. Recentemente uma série de estudos têm sido publicados com novos registros da interação, que já é encontrada em mais de 20 espécies de anfíbios ao longo da Mata Atlântica. Também têm sido abordadas questões sobre a morfologia dos anfíbios e a aderência dos ostracodas. Porém a interação é usualmente estudada sob a perspectiva do forético, com poucas informações sobre possíveis impactos ao hospedeiro. Nosso objetivo é observar e descrever o comportamento de anfíbios expostos experimentalmente a indivíduos de *Elpidium*. Observamos cinco indivíduos machos da perereca *Scinax tymbamirim*, comumente encontrada em bromélias e com ostracodas aderidos. Esses indivíduos foram colocados individualmente em placas de Petri, contendo 5 mL de água e 100 ostracodas, dentro de potes plásticos de 2 litros tampados com uma rede tipo tule. As pererecas foram filmadas ao mesmo tempo durante 45 minutos sem interferência. Após, os vídeos foram analisados e o comportamento, tanto dos anfíbios quanto dos ostracodas, observado. Em contato com a água, todas as pererecas nitidamente aparentavam estar incomodadas, trocando de posição na placa de Petri para se afastar dos crustáceos que nadavam em direção a elas. Quando muitos ostracodas se aproximavam do anfíbio, este utilizava os membros inferiores para afastá-los, desferindo chutes na água. Esse comportamento foi observado nos cinco indivíduos diversas vezes ao longo dos 45 minutos de filmagem. Considerando o método de fixação utilizado por estes crustáceos, não é surpreendente o desconforto. Essa resposta comportamental nunca foi citada na literatura. Nossas observações, ainda que preliminares, evidenciam que a presença dos ostracodas pode afetar aspectos comportamentais dos anuros, como por exemplo o tempo de permanência em uma bromélia, interferindo na dispersão dos próprios invertebrados. Apesar de frequente, a interação ainda é pouco estudada sob esse aspecto. Mais repetições e novos estudos experimentais levando em conta a abundância dos ostracodas, a quantidade de água disponível, o tempo de permanência do anuro na água e a interação entre essas variáveis devem ser conduzidos para que possamos entender seus efeitos nos anfíbios e como isso pode afetar da dispersão destes pequenos crustáceos.